



**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**Yip Fu Kwan**  
(entrevista)

**São Paulo, SP**

**2004**

**GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** “A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta

**Número da entrevista:** E-960

**Nome do/a entrevistado:** Yip Fu Kwan

**Local da entrevista:** São Paulo, SP

**Entrevistador:** Felipe Eduardo Ferreira Marta

**Data da entrevista:** 15/09/2004

**Transcrição:** Felipe Eduardo Ferreira Marta

**Copidesque:** Felipe Eduardo Ferreira Marta

**Revisão:** Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa de termos:** Christiane Garcia Macedo

**Total de gravação:** 50 minutos.

**Páginas Digitadas:** 22 páginas.

### Observações:

\* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

\*\* Entrevista cedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB e da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC, para divulgação pelo Projeto Garimpando Memórias em 09 de março de 2021.

O Projeto Garimpando Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: Kwan, Yip Fu. Entrevista com Yip Fu Kwan concedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta ao Projeto Garimpando Memórias. Entrevistador: Felipe Eduardo Ferreira Marta (UESB e UESC). UNIVASF, UFRGS, São Paulo (SP), 15 set 2004, 25 p.

## **SUMÁRIO**

Ida de Hong Kong para Austrália; Vinda para o Brasil; Início do trabalho no Brasil; Relação com a língua portuguesa; Estilo Yau Man; Relação com o esporte; Questão da tradição nas artes marciais; influência da mídia; Hierarquia ; Relação com os alunos; Trabalho com a polícia; Difusão das artes marciais.

São Paulo (SP), **15 de setembro de 2004**. Entrevista com Yip Fu Kwan (**Y.K.**) a cargo do pesquisador Felipe Eduardo Ferreira Marta (**F.M.**) para a pesquisa “A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta cedida ao Projeto Garimpando Memórias.

F.M. – Mestre, fale um pouco da sua vida em Hong Kong e os motivos que o trouxeram para o Brasil.

Y.K. – Olha... Olha Hong Kong... Eu realmente nasci em Hong Kong, cresceu Hong Kong e eu realmente estuda... Terminou meu estudo aí desde de criança já começa a praticar arte marcial, mas época pratica arte marcial nunca pensar vai ensina com que tá, porque eu gosto esporte e mais ainda arte marcial gosto muito. Então época arte marcial já começava aprender alguma coisa de... tipo de... medicina tradicional chinesa, né? E depois eu reunindo todo mundo na família são médico alopata, eu também faz curso. Mas aí depois eu acha eu deve pra aperfeiçoar mais ainda, eu faz mais curso, especial curso da medicina tradicional chinesa. Bom aí quando terminando o curso, eu realmente... Aí fui embora e foi Austrália. Fica um ano aí...

F.M. – Mestre o senhor nasceu?

Y.K. – Hong Kong.

F.M. – Não. Em que ano?

Y.K. – 1946.

F.M. – E sua vinda para a Austrália foi quando? Quando o senhor terminou sua formação, né?

Y.K. – Austrália... Eu fui pra Austrália 1970, 70. Aí fim do 1970, né? Aí eu foi lá, eu ficou um ano, quase que ficou lá, porque eu gosto muito de lá. Eu fica lá e realmente e eu começa também a ensinar gente a arte marcial e também trabalha meu serviço tipo

acupuntura tipo assim de medicina chinesa, né? Mas, como lá deu o maior problema por causa de permanência um pouco difícil, primeiro. Segundo isso que aqui eu consegui, mas deu o maior problema lá, então um pouquinho raça, assim meio radical, né? Então eu...

F.M. – Um pouco de discriminação?

Y.K. – Não. É raça... racista assim tipo, né? E assim... Pra mim é muito bom, mas eu veja ele tratar outro raça não tão gostoso, não tão legal, aí então eu evitar ficar lá porque eu gosto todo mundo viver igual. Por exemplo, né? Porque uma país quando fica meio assim raça diferente pra tratar a turma assim.. Então eu fica meio chateado, esse país então não pra frente porque fica muito ruim pra pessoa viver. Porque fica vários tipos de raça fica uma ambiente... É lógico todo mundo igual, mas fica assim: branco, amarela, preto...Cada um raça diferente, então pra mim não fica assim... Não tenho gosto sabe? Aí fiquei um ano e quase já mesmo ficou lá mesmo. Mas afinal falou: Ah não dá esse não é meu gosto, aí fui embora. Mas eu gosto muito de lá, por que é país muita organizado, pra mim trabalha muito bem, em ano eu consegui um grande número de alunos, eu tratei muito gentes e ajudou muito gente, sabe? E todo mundo quero que fica lá mesmo. Então pra mim é uma coisa assim...

F.M. – O senhor já saiu de Hong Kong falando inglês então?

Y.K. – É porque Hong Kong maioria fala inglês, porque lá quando estuda Hong Kong já aprende inglês. Então pra mim ficar Austrália fica muito mais fácil, muito mais fácil ainda. Chegou no Brasil já difícil porque não fala nada. Por isso eu foi lá porque por causa da língua e também fica mais jovem também, né?

F.M. – Mas saiu de Hong Kong por que não tinha oportunidade de trabalho?

Y.K. – Não, não, não... Não é isso não, não é isso... Eu tava muito bem Hong Kong trabalho porque eu realmente, né? Eu dá aula de academia de polícia também, ensina pessoa de defesa e ataque.

F.M. – Em Hong Kong?

Y.K. – Hong Kong. E eu tem academia e eu dá aula também pra assim tipo de... Como dizer? Tipo de... Cada um região, cada um regional tem uma assim, escola pra os povo, quem queira esporte, cada um pode escolher o esporte lá. Então dentro escola, porque lá as escola é muito grande, tem campo, tem tudo. Então você também: “ah eu quero arte marcial, eu quero joga futebol, eu quero basquete, eu quero ping pong, eu quero assim... Então lá também tem uma parte ensina arte marcial, eu realmente eu cuida dessa parte lá. Então muito trabalho lá. Pra ótimo, e ganha bem e tudo bem, sabe? Eu gosto trabalho [risos], e mais ainda. Mas, porque eu saí de Hong Kong? Seguinte, porque eu sou uma pessoa é muito aventura [risos] desde criança, então... E antes foi Austrália e antes eu já foi Japão, e então minha vida assim, eu não fica parado, né? Então por isso eu saí Hong Kong, não foi por causa de nada, eu gosta mundo lá fora, ver fora de mundo como que é o negócio.

F.M. – Não foi como alguns chineses que vieram por conta da revolução cultural?

Y.K. – Não, não. Eu não sou assim.

F.M. – Hong Kong era outro esquema.

Y.K. – Eu saí com muito dinheiro. Então eu foi Austrália, não é por causa de ganhar dinheiro, eu gosto de divulgar meu conhecimento, meu trabalho, eu gosto de ensinar os amigos, conhecer pessoas, eu gosto amizade [risos] com pessoas, então minha vida é outro tipo sabe. A verdade é quando chega lá. Porque passaporte chinês é muito difícil pra chineses. Pra mim foi fácil porque... Então aí se você conhece uma moça do local de lá, né? Então essa pessoa quer casar com você e tudo normal, então em dentro três anos você não tem criminoso você já pode diretamente já permanência, já autorizado tudo direitinho.

F.M. – Visto permanente.

Y.K. – Eu já tenho uma... Várias moças que faz assim pra mim tipo pra ajudar, mas minha pensamento outro. Quando você quer ficar um lugar e precisa casar assim, aí meio ruim,

né? Então eu parou isso... [Gravação interrompida<sup>1</sup>]. Como eu fala realmente, como uma pessoa como eu, eu desde de criança gosto assim, vai pra lá, pra cá, então enquanto eu consegui uma autoridade eu procura fora. Hong Kong é uma lugar enganoso, porque com Hong Kong é cidade a verdade não é grande, então pra mim eu pensava sempre pra frente, eu não pensava hoje, pensava sempre amanhã. “Um dia Hong Kong vai encher muita gente”, por quê? Porque uma lugar daquele tamanho daí uma dez, vinte, trinta o que vai acontecer? Vai encher tudo, não tem lugar pra ninguém, porque só sobe em cima prédio, tá? Então com a gente já saiu fora vê realmente a gente pode morar um casa sobrado e tal aí é outro coisa, lá não, ninguém tem como morar uma casa assim tipo normal, né? Eu vou ter morar apartamento mesmo.

F.M. – Casa normal é mansão lá, né?

Y.K. – É difícil, é muito difícil. Por isso eu saí Hong Kong, tem um motivo, não foi por causa trabalho.

F.M. – E sua família era economicamente tranquila?

Y.K. – A minha família verdade, meu pai até construir um clínica pra até, deu muito coisa pra mim, mas eu não quis, porque eu acho eu não dever depender ninguém, então eu, família até de econômico ótimo, tudo bom e único coisa porque eu não gosto de depender do família, meu ainda porque depois um dia os família vai fala, o mãe vai fala isso, fala outro, então... E segundo tem mais uma coisa também porque eu tinha uma namorada como ela muito rica eu acho também atrapalha um pouquinho meu pensamento, porque eu acho... Era uma moça muito rica e era muito bom, só que eu não sei se um dia... Porque todo mundo sempre pensa: “ah você vai casar com uma mulher rica tal, tal, tal...” E todo mundo pensa: “a casar moça Ken” E todo mundo fala família nome. Ai pensei: “um dia se eu casa com ela ninguém conhecer meu nome Yip Fu Kwan, todo mundo só sabe eu sou marido da Ken, ou genro do Ken” Ah isso também não é legal pra mim. Então também é um dos motivos [risos]. “Ah pelo amor de Deus, vou embora não aguento mais ficar aqui”. Então aí eu também fala: “ah puxa vida”. Então deixa assim, não dá certo ainda. E pensamento aquele época jovem é tudo assim... E hoje eu já não faz isso mais. Aquele

---

<sup>1</sup> Gravação interrompida para que o depoente atendesse ao telefone.

época trinta mais ano passado outro cabeça, hoje já é diferente cabeça. Por isso foi Austrália, aí causo disso Austrália.

F.M. – E aí o Brasil? Apareceu como?

Y.K. – Aí depois eu não fica legal lá Austrália e logo voltou... Depois um ano voltou Hong Kong aí pensou lá não dá certo então vamos lá pra Estados Unidos, vamos lá pra América do Norte, vamos lá pra América, né? Aí chegou América do Norte eu não gosto muito por que lá pessoa muito também meio frio, né? Tipo de pessoas totalmente diferente e também meio racista aquele também não é fácil. Então ficou... Verdade ficou três meses.

F.M. – Isso nos Estados Unidos?

Y.K. – Estados Unidos. Estado Califórnia, São Francisco, tudo lá, né? Porque tem muito parente lá, né? Fiquei três meses não gostei. Aí comecei... Desceu... Eu passei aqui América Central vários países, né? Até o México, Costa Rica, Panamá, Guatemala, aí depois Venezuela tudo lá muito países que eu desce, mas eu veja não acha legal pra mim porque esquisito esses países assim um pouco pobre, né? E quando chegou Brasil aí já mudou meu pensamento. Eu fala: “Puxa! Aqui bem diferente, né?” Pessoa aqui é muito... sabe? Amigo, amizade. Todo mundo tranquilo, todo mundo risada a cara assim... ninguém fica... chato assim, né? Inclusive eu fica no hotel junto com outras pessoas... Aí um dia que eu no lanchonete assim... padaria, a moça saiu com sorvete e pergunta: “cê qué?” “Que coisa!” Nunca vi coisa assim, dois moça chupando soverte, aí pergunta “cê qué?” Nossa! O quê que é isso? É estranho, assusta e não é só uma vez, várias vezes. Então eu fico três meses aí eu falou aqui eu vou ficar. Então foi isso...

F.M. – Veio direto para São Paulo então?

Y.K. – Eu fui Rio de Janeiro, duas semanas, mas a verdade Rio de Janeiro eu não gostou muito, sabe? Mas a verdade eu não gostou muito eu vi uma pessoa lá é... Encontrou uma pessoa muito enrolado, “é cê compra isso...” Encontrou pessoa pede pra mim “compra isso pede isso”. Aí eu meio assim... “O quê é isso pôxa vida”. Essa pessoa muito assim... Tipo de malandragem.



F.M. – Muito atirado o pessoal?

Y.K. – É isso muito atirado. Aí eu falo não! Quando eu cheguei em São Paulo eu mudou totalmente. “Nossa que povo tão diferente” Aí ficou, ficou, com o tempo ficou três meses. Primeiro ficou 2 semanas no hotel, depois veio um conhecido: “não, fica aqui”. Fica numa casa de trás nos fundos lá, aí eu fiquei, como já conhece pessoa já, aí falei: “bom então fica aqui”.

F.M. – E que bairro que era isso? Não era na Liberdade não?

Y.K. – Não. Nessa época verdade... Essa pessoa que eu conheço mora Butantã.

F.M. – Você não tinha contato com outros chineses que tinham formado colônia não?

Y.K. – Começar não era assim. Começar eu conhece ele devagar, conhece, conhece, assim... Mas não entrou muito colônia chinesa aquele época, conhece alguma pessoa só. Porque aquele época colônia chinesa era muito pequena ainda, pouca gente ainda não é grande coisa. Então todo mundo ta correndo trabalho ainda...

F.M. – Ninguém tem tempo.

Y.K. – Ninguém tem tempo. Não é como hoje pessoa já mais tranquilo tudo. Aquele época eu lembro a liberdade só tem uma loja vende as coisas da chinesas assim... Alguma coisa mas, muito caro, é muito difícil comprar. Então aí você também não é fácil encontrar chinês assim... Bastante.

F.M. – E você teve dificuldade pra se adaptar a comida brasileira?

Y.K. – Não, pra mim não tem problema. Eu come qualquer comida. Só to falando... Eu também sabe fazer comida. Só tô falando aquele época não é fácil encontrar restaurante chinesa, mas pastelaria... Aí você encontra...[risos] Mas eu nunca entrou, porque eu não gosta frita, comer comida frita.

F.M. – Seu primeiro trabalho, como é que foi?

Y.K. – Aí chegou Brasil dificuldade trabalho porque primeiro: as pessoas ainda não sabe o quê que é ainda. É muito difícil. E alguma pessoa, mas é muito raro pessoa entende. Então começou trabalha, vai pra casa de pessoa assim... Domicílio, né? Pra ajuda pessoa tratamento. E muito difícil, mas começou usa mais a mão pra tratar pessoa, a perna, a mão. Mas aí eu um dia conhece uma alemão, uma alemão mesmo, que veio Alemanha Oriental, mas ele conseguiu tudo que a diploma aqui do médico, aí conversou comigo: “e porque você não faz reconhecimento do diploma”. Aí eu falei: “não condição a português pra mim é muito difícil” E tem que ficar dois anos no faculdade, e esses dois anos pra mim, primeiro difícil arrumar um... Assim... Comunicação do língua. Segundo já... Logo já ia chamar minha família vir, minha mãe e minha mulher, então tem que trabalha, não pode ficar parado. Então eu fala bom: “eu posso trabalha com isso pra viver”. Então ele falou: “bom então experimenta meu sogra”. Ela já não conseguia andar dois anos mais... Assim...

F.M. – Cadeira de rodas?

Y.K. – Cadeira de rodas. A perna e o joelho tudo tava... Tava inchado. Tudo problema de inflamado.

F.M. – Artrose?

Y.K. – É tipo de artrose assim... né? Eu falo: “tudo bem, eu tratar ela” Aí mais ou cinco semanas eu tratei ela, até chegou mais ou menos um mês e meio assim... Conseguiu levantar devagar e devagar ta caminhando tal... Justamente três meses ela conseguiu andar bem mais melhor, não tem 100%, acho que 60%, 70% que uma senhora de 60 quase 70 anos de idade e eu consegui. Levantou tal... Então ai doutor Carlos: “puxa vida! Parabéns Yip você realmente...”. E também época eles tem dois crianças, tinha doze anos.

F.M. – Esse é seu amigo médico alemão.

Y.K. – Médico alemão doutor Carlos<sup>2</sup>, né? Aí também à noite eu faz... Começou a ensinar arte marcial pra ele, e além dessas duas filhos ele arranhou mais meia dúzia de garotos, deu dez final, né? Então... Aí enquanto eu trata a sogra, a garagem lá é bem grande, né? Então aí a garagem, então aí pra mim aproveitar e ensinar a turma lá, umas dez pessoas mais ou menos. Então faz isso pra aula...

F.M. – Isso em que ano?

Y.K. – 1970... 72... Início de 73, início de 73.

F.M. – Então o senhor veio em 1972...

Y.K. – É 1972 eu saí Hong Kong e fica Estados Unidos algum mês, aí fim do 72 chega aqui, aí começou 73 início.

F.M. – Mas o Sr. nem foi procurar outro tipo de atividade pra trabalhar, já sempre buscando...

Y.K. – Já entrou no ramo já, já entrou no ramo... Já começou particular assim... pá, pá pá... Foi difícil, mas... Né? Aí depois final de 1973, aí meu amigo, que trabalha aquele Ericson<sup>3</sup>, né? É uma empresa do marginal...

F.M. – Perto da rodoviária.

Y.K. – Isso. E ele trabalha lá e apresenta muita pessoa de diretor e eu consegui tralhalá lá, tipo de professor de Educação..., sabe? Aí então dá aula lá de manhã cedinho, ensina a pessoa a fazer exercício, ginástica, exercício técnico de arte marcial...

F.M. – Como um professor de Educação Física.

---

<sup>2</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>3</sup> Nome sujeito a confirmação.

Y.K. – É. Isso. De manhã e a noite, duas vez por dia. Então assim... Aí o que aconteceu? Começou trabalha de tarde, eu faz consulta particular, trabalha, cuida de paciente, tal... E quando... Eu faz trabalho ensina pessoa particular também à tarde. Eu tinha um carro fusquinha, né? Então anda pra lá e pra cá assim tá. Aí terminou a aula já seis e pouco da noite e lá ele tem uma sauna e os pessoas lá de diretor, aproveitou e cuida as pessoas lá, cuida ele e ganha um pouquinho a vida, foi assim... Quer dizer... De manhã dá aula, vai embora e trabalha particular fora, a noite terminou a aula e cuida pessoa tratamento, né? Assim fica mais ou menos um ano e pouco.

F.M. – E a comunicação? Só falava em inglês?

Y.K. – Não. Aí começou a aprender português, né?

F.M. – Muito difícil no começo?

Y.K. – Eu acho todo mundo igual, começar muito difícil, aí você entrou aqui tem que falar português...

F.M. – As pessoas te ajudaram?

Y.K. – É enrola, aí fala um pouco português, inglês, português... Então dá pra enrolar, né? Aí fica lá, né? Porque não tem tempo pra estudar, aí eu pega um dicionário, pra ver como que é inglês e português como que é então fica estudando já, né? [risos].

F.M. – Eu estou perguntando isso por que um dos problemas dos mestres coreanos era justamente este, o problema da comunicação. Porque você passar uma arte marcial sem dominar a língua é uma coisa um pouco difícil porque...

Y.K. – É essa parte eu acho... Essa parte lógico. Primeiro você me mostrar o que é. Mostra então pessoa fala o que é aquele nome, então eu vou lembrar o que vai falar futuramente, por exemplo, soco é soco, palma é palma, bico é bico. Tudo as coisas eu fala: “o que é isso aqui então? Palma. O quê que é isso aqui? Soco. O quê que é isso aqui? Bico.” Então

começando vai indo aprender, né? Isso que eu acho que não é muito difícil pra mim. Porque... [risos] Veja que costuma as coisas. Lógico tem que forçar né? Não pode...

F.M. – Mas o problema Yip, que à medida que vão se formando mestres brasileiros há o risco de se perderem os fundamentos de uma determinada arte marcial, o quê você pensa a esse respeito?

Y.K. – Eu acredito que qualquer um é difícil, demora, não é 1, 2 anos, demora muito... Meu aluno agora 20 anos aqui academia, aqui comigo 20 anos, justamente aqui aniversário, agora depois todo tempo a pessoa começa a conseguir entender os técnicos, não é só a força por que treinamento não é só a força, tem que ser com mente, concentração, tudo junto, como que vai? Porque você treinar arte marcial, porque você não entra com força, com a mão, só pé, tem que entrar com a alma. Ele agora entende começa... Explica antigamente não entende, porque mesmo se explicar se você não chegou lá não adianta nada, se entendeu? Não quer dizer explicação. Porque arte marcial, treinamento mais ainda, por exemplo, Tai Chi Chuan, se você não entrar toda a mente de alma aí, você não recebe a coisa, espírito, alma tudo junto. *Tudo!* Aí vai. Kung Fu, por que é uma treinamento... Wu Chu, né? Que se fala. Ele treinar, não é só assim... Você tem entra toda a mente a pensamento, né? “Eu vou fazer isso” Então antes você tem que treinar como que você pode fazer. Claro você primeiro tem que ter firmeza, né? Você não prepara tudo. Agora se você não prepara você não condição pra ir. Você já preparou, então agora você começar a treinar. Vai! Então com o tempo você conseguiu, entrou mão, meu mão... A força eu não sente, mas você sente, entendeu? Porque tem coisa, não é eu sente, eu não sente às vezes, mas entra lá dentro já que a pessoa sente. Isso é que é difícil. Porque o arte marcial chinesa chamado Wu Chu é muito mais fundo, muito mais difícil, por é um arte completa. Tanto que arte marcial... Tanto que caratê, taekwondo, judô, tudo esse que... A verdade início vem tudo da China, a verdade não como fala não é. Só que o técnico mais que simplificou, ele não totalmente completo, porque arte marcial Wu chu é completa. Depende que você... Ele vai entrar? Ele pode uso golpe de judô, ou pode uso junto com judô, pode uso a fora de caratê, pode uso outro, não tem problema. Ele não é uma só, ele brigou pra derrubar, resolver problema. Então que é treinamento. Não é um ano, dois anos, não é caso de faixa nada, porque você não pode parar de treinar. Você entendeu? E por que

o arte marcial Wu Chu, chinês Kung Fu não tem faixa? É por causa disso. Ele não reforça só faixa, ele não reforça conseguir reter o poder, treina você manter sua saúde sempre igual.

F.M. – Mas isso que você ta falando de não ter faixa tem tudo a ver com arte marcial, mas se você comparar com pensamento ocidental, o pensamento corrente aqui na Brasil, isso é problema por que o Brasileiro tem a necessidade de ver que ele ta evoluindo...

Y.K. – É. Isso é verdade. Por isso que aqui eu usa camisa cor diferente. Branca, início, amarela já passou alguma altura, azul então já nível mais alto, por isso. Mas, não quer dizer nada.

F.M. – Isso é mais pro brasileiro do que pro chinês?

Y.K. – Sim, brasileiro, mas não tem jeito. O brasileiro gosta isso. Então eu também criou um diferença. Eu nunca faz isso na China, mas chegou aqui mudou meu pensamento. Por quê? Porque pra eles, pra alunos dão diferença. Até o aluno ele age diferente. Porque ensinamento põe o branco pra ensinar o branco ele fala: “como pode!” Né? Põe uma amarela vai ensinar azul? Não tem como. Então tem que ser realmente amarela pode ajudar branca, mas azul pode ensinar todo mundo. É isso que faz. Eu também faz isso agora.

F.M. – Eu sou nascido em São José dos Campos e uma das academias tradicionais de Kung Fu de lá tem justamente o mesmo nome Yau Man...

Y.K. – São meus alunos aquele que passou primeiro aluno de Brasil.

F.M. – Mas ele é chinês e veio pra cá pra...

Y.K. – Chinês, veio Hong Kong ele aprendeu comigo aqui Brasil mesmo. Época mais... Época início é a turma de Lee. Vila Ady’Ana<sup>4</sup>. Eu que montou academia pra ele. Rua Santa Clara 76, Vila Ady’Ana, centro, São José dos Campos.

F.M. – O estilo Yau Man é um estilo de Kung Fu de vocês.

Y.K. – É estilo mesmo.

F.M. – É um estilo diferente e o senhor que é o introduziu aqui?

Y.K. – Eu trouxe, eu que trouxe. Agora esse estilo único que Brasil tem, o mundo inteiro não tem mais.

F.M. – Por que a sua escola lá em Hong Kong fechou?

Y.K. – A verdade meu mestre, ele ensinou um monte de gente. Mas a próxima geração dele, único sou eu. Mas eu tá aqui no Brasil. Quando ta mor... morre. Quando ele morre, eu ta aqui no Brasil. Então ele autorizou pra todo mundo que realmente eu único continuação dele. Mas na época tando em Hong Kong a pessoa não tem como ensinar. Porque, ensinar gente não é só você sabe lutar bem, tem que ser... Você tem que ser muito bom arte marcial e você, além disso, tem que sabe cuidar da saúde do outro, terceiro tem caráter sua, disciplina, verdade, totalmente desenvolvido. Isso que ele escolhe. Então pra escolhe uma pessoa é muito difícil, não é fácil. Então por isso agora lá não tem ninguém, nem do China, agora do China continental. Eles já pediu várias vezes eu realmente volto pra lá e ensina alguma pessoa, mas eu não tenho como por que não posso largar aqui. Quando vai pra lá tem que ficar alguns anos lá, eu não posso.

F.M. – É leva uma vida inteira dependendo da pessoa.

Y.K. – É, mas aí tem que escolher uma pessoa muito difícil pra lá. E se o pessoa pensa: “Ah eu vou aproveitar isso, aproveitar o outro...” Então não é o meu gosto, então por isso eu...

F.M. – Você quer que a pessoa siga uma linha... Entra na sua escola e siga aquela escola...

Y.K. – Isso! Porque essas estilo são bem diferente com outra estilos. Primeiro ele não ensina verdade, não ensina qualquer um. Em Hong Kong ele escolher a pessoa pra ensinar, pra continuação, pra divulgar, ele tem que pensar mais ainda quem é essa pessoa se

---

<sup>4</sup> Nome sujeito a confirmação.

merece, se segue ou não segue. Ele segue não é pra se dar bem, não é por causa de rico, não é por causa de bonito. Por causa ele tem condição, ele tem capacidade. Pra escolher essa pessoa nós já tinha... Ele. Olha meu mestre já ensinou mais assim... Eu acho. Acho que mais 500 pessoas, mas pra escolher uma pessoa. Aqui o que é agora no Brasil? Durante 30 anos eu esqueço quantos mil ensinou, pra pegar uma não fácil. E pra ensinar, não quer dizer encontra Lee, por que ele tem diferente pouca idade comigo, o Lee né? Ele tem mais, eu quatro só mais anos diferente que ele só. Mas, continuação mais obra tem que ser bem mais jovem, assim... Vinte e poucos anos, daqui um pouco eu realmente chego mais velho aí sim.

F.M. – Mas você deve estar pensando em alguém pra continuar posteriormente aqui no Brasil?

Y.K. – Ainda não. Por que eu ainda tá jovem, tem 60 anos só, mas não chegou ta morre ainda, né? Então eu não pensa isso. Uma hora aí chegou bem velhinho aí fica... Fica olhando, mas pensar quem é ainda. Não pensar... Não vou chinês, não vou pensar...

F.M. – Isso que eu ia perguntar.

Y.K. – Não, não, não, não pensa isso não. Porque meu alunos... Muito... Porque tem muito alunos, e cada um ótimos, mas não quer dizer... Porque esse meu filho, não que esse meu sobrinho... Tem que ser uma pessoa realmente tem condição. Eu não escolher pensar chinês, não escolher isso não. O Lee vai abriu academia por que ele começou mais jovem, mas bem início ele começou, e ele realmente gosta trabalha isso, por isso ajuda ele, sabe? Não quer dizer por que ele eu vai encontrar, não tem por ele comigo diferença quatro anos só. Você entendeu? Tem que ser pessoa muito mais jovem.

F.M. – Provavelmente no momento em que você estiver procurando ele também vai ter que pensar em procurar alguém também pra continuar lá na cidade.

Y.K. – É... Claro. Por isso fala, ele também futuramente ele também pode criar pessoa, só criar assim... Quem que toma conta outra geração, tem que ser eu escolher por que ele é um dos alunos. O nível dele, o Clã dele, realmente u tem que vai escolher, né? E aí



academia dele, não é estilo dele, academia dele ele pode ensinar, uma hora se ele quer alguém boa pra ensinar ele tem que passar, eu tenho que conceder se não, não pode.

F.M. – Mestre Yip, essas questões eu o senhor está colocando são muito da arte marcial e com taekwondo à medida que ele virou um esporte, isso se perdeu. Essa devoção do aluno para com o mestre ela ficou mais enfraquecida à medida que as pessoas se tornaram mestres por conta dos exames de faixas que eles iam fazendo aí se tornavam mestres num tempo determinado e essa questão da arte marcial pelo o que o senhor tá dizendo é uma coisa eu tem ponto de início, mas não tem ponto o ponto final vai depender da própria pessoa e aí eu fico pensando como que o taekwondo já sofreu um pouco de uma influência mais ocidental. Com o Kung Fu, pelo menos no seu estilo essa influência não apareceu? Ou você tenta seguir mesmo essa linha mais tradicional?

Y.K. – É eu acho você... Eu alguma coisa você muda, mas disciplina não pode mudar. Se você muda tudo as coisas aí fica muito comercial. Isso não é comercial é uma tradicional, você tem que continuação aquele coisa que é mais firme, sabe? Se você muda tudo isso, aí você realmente estragou um pouco não existe mais coisa verdade, tudo é falso. Então daqui um pouco não existe mais coisa.

F.M. – Porque como judô aconteceu um pouco isso, com o taekwondo...

Y.K. – Tudo, tudo aconteceu isso agora!

F.M. – O caratê parece que está forçando pra chegar nesse ponto também...

Y.K. – O caratê também já tá acabando já quase, não tem... Quase não mais academia do caratê quase. Muito fraco, por que a pessoa começa a querer criar, mudar, pra afastar tudo isso, então o que aconteceu? As coisas cada vez fica mais fraco. A verdade característica do exagero hoje realmente por que caratê a pessoa usar, realmente ele não um tanto coisa. E depois qualquer um fica professor, já mandando, mas ele não sabe onde ele vem. O caratê pessoa não sabe de onde ele vem, então esse é o problema, ele não uma tradicional, ele não tem um linha, você entendeu? Aqui a gente tem, a gente tem linha, então a gente tem manter aquele linha. Por que se você não sabe quem é seu pai, não sabe quem é seu

vó, não sabe seu bisavô... Tô perdido. Nós não. Quando cumprimentar altar, então primeiro altar por que existe? Altar por que realmente tradicional dos nossa mesmo antepassado, uma degrau significa uma geração. Por que cumprimentar? Então realmente assim... Assim... Assim... Ensina tudo que aluno pode entrar academia já ensina, explica pra ele, por que ele tem que cumprimentar. Não tem nada de religião, não tem nada de... É causa de estilo, respeito, você entendeu?

F.M. – Respeito a tradição?

Y.K. – Ah. Respeito a uma tradicional. Nós onde veio. Agora você não sabe onde você veio, será que você vai cair do céu? Não existe. Então vocês vem aqui entrar essa academia, então tem respeito em mim, mas da onde vem? Vem de lá! Não foi eu que nasceu sozinho, não foi eu que caiu sozinho, foi lá que ensinou viver. Então essa coisa é muito importante. Eu chegou Brasil e conhece muito academia de caratê, professor de caratê. Agora esse professor eu tudo conhece. Chama Ono. Nossa! Tudo o lugar Ono. Agora não tem mais nada. Até filho do Ono tinha tanto problema pra encontra aluno, e por que você não entendeu treinamento. Só pancada, pancada e machuca tudo.

F.M. – O taekwondo está acontecendo um pouco isso, ele está se tornando um a sequência de movimentos para competição e toda a tradição toda aquela filosofia que está por trás e era ensinada na Coréia se perdeu.

Y.K. – Pela aluno meu, né? Competição do taekwondo. Então tá muito assim... Éh... Verdade. Agora veja bem, pessoa ganhou campeonato de mundial de luta, eu vou falar a verdade pra mim qualquer um aluno pega ele, qualquer aluno pega ele. Por quê? Por que não tem base! É só tchu, tchu, tchu, tchu, tchu, não tem força! Quando vai lutar. Mas ele calcula pelo ponto, ele calcula não sei o quê. Então esse não é verdade.

F.M. – Não se enfatiza a qualidade...

Y.K. – Não é verdade. Agora eu, você calcula pelo ponto, eu dá uma se vai embora longe! Então pra mim não tá certo. Você entendeu? Você tocou em mim, tchu, tchu, tchu, tchu, tchu. Mas eu uma... Uma você vai embora, não precisa tocar muito. O quê que adianta?

Certo? Por exemplo, aqui tem um arroz, você, tchu, tchu, tchu, pronto eu pegou tudo já. A turma todo mundo assiste, todo mundo fica louco a vida: “o quê que é isso”. Eu fala, eu não fala mal ninguém, mas eu veja, puxa vida...

F.M. – Virou esporte, não é arte marcial mais.

Y.K. – E nem esporte acho que é! Porque esporte já não pensar ganhar, pensar saúde. Mas aí pensar ganhar é porque quero ouro, quero isso, é por que já perdeu aquele, aquele... Verdade de coisa, que não em aquele, “o verdade verdadeira”. Você entendeu? Por exemplo, você quer casar uma mulher, a mulher é rico, você casa com ela não é causo você gosta dela é causo dinheiro dela, então não é verdadeiro é falso. Mais aí tá cheio agora por aí, por aqui. “A você tem conta, você tem casa...” Então não é verdadeiro amor, de verdade: “Ah! Eu gosto ela por que puxa vida é realmente uma pessoa é bem... Muito simples, muito simpática, muito gentil, muito educada, muito respeito... Isso! Mas não é! “A não, ela é riso por que o pai tem isso...” Pô! Primeiro pergunta a pessoa: o quê que você trabalha? Quantos anos você tem? Onde você mora? Certo? Então não é verdade é falso, todo mundo fala hoje em dia. Mas, isso o mundo vai fica dessa jeito agora pra frente. Então é por isso eu mantenho o meu estilo, aquele tipo de disciplina mesma coisa. Eu não quero mudar porque eu acho nossa tem direito pra salvar essa mundo, se não tá perdido, todo mundo é falso. O quê que adianta? Então tem saúde primeiro, você muito tem dinheiro então o quê que adianta não ter saúde? Não é verdade? Então pra mim primeiro, você chega aqui fica com toda a saúde. Chega aqui então eu falo: “fica reto, fica assim não, tudo”. Aí depois, alguns tempo, uns dois meses aluno mudou todo o saúde. “Não, não pode direto computador!” Explica porque. “Ah não pode tomar gelado”? Não pode.” Explica por que, explica. Até o família todo fala: “puxa mestre, como pode você hein? Depois moleque entrou academia, olha você conseguiu melhorar saúde de família inteiro.” [risos] E todo mundo postura, todo mundo... “Realmente você salva todo mundo” Por que? Por que aluno chega em casa e fala: “pai não pode, pai pode, por que mestre fala isso...” [risos] Aí pai vem fala: “oh, ninguém consegue ensinar ele você só.” Olha Felipe um fala pra hoje em dia o mundo está mudando você criar um jovem não é fácil, porque nosso país precisa o jovem pra compreender o quê que está acontecendo o nosso país, por que tem muito corrupto, por que tem muitas coisa dá errado, causo ninguém ensina ninguém escuta ninguém ajuda. Criança não tem culpa, não é culpa dele criança é como uma papel branco, você escreve,

desenha o que quer em papel em cima aí fica como está. Então eu acho primeiro essa parte eu faço tudo o possível e quando posso eu faz isso, mas meu aluno quem quer montar academia eu primeiro tenho que autorizar se pode ou não pode, eu tem que veja se não qualquer um pode, por isso eu não tem muita academia, né? Quem ensina academia primeiro tem eu ser pessoal muito bom, verdade boa, não é fala só, aí eu posso, eu ajuda se não, não vale a pena, né?

F.M. – Mestre, desses alunos que vem procurar academia você percebeu o quê que os motivou a procurar a academia? Foi boca a boca, ou foi pro influência de algum filme?

Y.K. – Maioria, maioria foi boca a boca, maioria boa, alguma vez assisti aula, poucas vezes não sei. Ou ele viu alguma coisa, família trouxe pra ver. Por que maioria fala: “pai, mãe trouxe”, mas ele já foi em muitos lugares assistir, e quando viu a gente aqui ensinamento, de disciplina, de firmeza, né? Durão, porque nossa ensinamento é muito dura mesmo. Duro, não é briga, é duro assim... De corregimento, duro de dedicação, duro de conversar falar coisa firme, não é falar bobagem, tudo ele vê realmente todo mundo leva a sério assim tudo, mas nunca ninguém bater machuca, nunca! Porque não deixa ninguém machuca ninguém.

F.M. – Eu fiz essa pergunta pra saber de repente os filmes que passaram do Bruce Lee, ou outros filmes de artes marciais, ou mesmo desenhos que passam, revistas se de alguma forma você teve alunos que vieram por conta isso se interessaram em querer procurar...

Y.K. – E quanto a essa tipo de aluno, eu de vez em quando acontece isso, essa tipo de aluno não fica muito tempo aqui, se fosse caso de filme alguma coisa, chega um, dois, três, meia dúzia assim e vai embora logo. Por quê? Porque o pensamento dele é outro, ele acha vem aqui já consegue tudo, tal, tal, tal. Aí a final não foi isso, aí três meses, meio ano vai embora. Mas aquela pessoa quero realmente aprende coisa aquele lá, em cem dias já aprendeu, mês ele já aprendeu, ele fica. Independente, já vinte anos, não tem problema. Aqui não é uma academia é a casa de Yip. Ele não pensa aqui é uma academia, ele pensa casa. Você entendeu? Porque todo mundo realmente é muito amizade, tudo unido sabe? Né?

F.M. – Então o senhor classifica que em muitos casos esses alunos que se deixam influenciar por desenhos, vídeo games, revistas, falam de artes marciais, esses alunos não são normalmente aqueles alunos eu ficam no seu treinamento?

Y.K. – Não, aí não. Pessoa vem aqui se fosse causo isso não fica tempo.

F.M. – Mas... Eu não sei se o Sr. concorda, mas parece que esses filmes acabaram ajudando a ter uma popularização das artes marciais, as pessoas começarem a procurar mais esse tipo de atividade.

Y.K. – Olha, eu veja meu aluno, maioria seguinte, causo ele gosta artes marciais, primeiro alguma, por exemplo, gente... Claro fora de fisicamente, mentalidade, por quê? Por que se você treinar arte marcial que nem Wu Chu você usa muito cabeça pensar, só que muito aluno ele treinava isso, ele se sentiu muito bem depois ele indicar o irmão dele vem pra cá por que foi bom pra ele. Então aí o primo indica o primo, prima, e o colega indicar o colega assim que faz que trouxe assim, maioria foi, por que eu vejo a maioria a pai que trouxe filho, primo trouxe prima, irmão trouxe... Tá cheio de família aqui. Então foi assim, sabe?

F.M. – Não é como uma academia comum que o aluno entra e... Por que hoje você vê nessas grandes academias de ginástica, você vê professores dando aula de “artes marciais” lá e caratê, judô, jiu-jitsu, não sei o quê, e quanto melhor, aqui...

Y.K. – Não pra mim não é assim, pra mim não é número, por que número... Por que a gente de verdade não viver com isso, eu não viver com essas coisas, é por que eu gosto essas coisas eu gosto arte marcial. Eu vir academia não por causo eu ganha dinheiro, a verdade eu não ganha essa dinheiro ainda, que essa dinheiro todo mundo... Todo aluno ajuda, todo mundo pega um pouquinho pra estuda pra isso pra outro. Você entendeu? Minha academia não viver com isso. Minha academia é totalmente... É outro tipo de pensamento.

F.M. – Eu percebi, estudando o taekwondo que ele tem uma influência muito forte do confucionismo, por conta do confucionismo ter sido uma filosofia oriental muito difundida

na Coréia durante um período, então os mestres eles davam muita importância para a hierarquia, para o respeito entre o aluno e mestre, e eu vi também depois que isso passou a ser uma reclamação desses mestres para com os brasileiros que começaram a aprender taekwondo, por que em muitos casos eles não entendiam o sentido dessa hierarquia, o porquê...

Y.K. – O que é hierarquia?

F.M. – Hierarquia é você obedecer ao mais velho, obedecer ao seu mestre.

Y.K. – A sim, sei, sei.

F.M. – E eu queria saber se no seu estilo de Kung Fu, quais são as filosofias orientais que norteiam ele?

Y.K. – A verdade eu ensina sempre... Se uma pessoa não respeita os pessoas mais velho, pois já são mais velhos, então já realmente já tá errado. Porque você tem que sabe onde você vem, como eu fala. Se você não respeita seu pai, então como o seu filho respeita você? Se você não respeita o seu professor, como o professor ensina você? Agora você não respeita os mestres, então como os mestres vai ensina coisa você? Educar você? Isso coisa muito importante, por quê? Todo mundo, todo o pessoa é um dia jovem, mas é um dia velho. Então nós deve ter uma ligação com o velho, com pessoa idade depois pessoa jovem, mas o jovem tem que respeitar o pessoa idade. Respeito cobra, respeito não é qualquer coisa, respeito é aquele coisa certo, não é qualquer um, claro tem pessoa não tá certo aí você pode conversar, por exemplo, eu mesmo fala meu alunos: “o quê que você pensa alguma coisa novidade, você acha..., fala comigo eu pensa”. Eu não uma pessoa muita assim... Mandão, turrão, mandona demais. Eu quero a coisa sabe, o quero sabe o quê que é coisa realmente, por quê? Por que hoje em dia todo tem um pensamento, tem cabeça boa, e por que não acerta coisa boa? Só que a linha de tradicional, a linha de continuação aí não pode mudar, aqui tem que ser assim mesmo, pai é pai, mestre é mestre não tem jeito acabou, acabou. Eu sou assim. Agora você não pode falar, “o aluno vai contra mestre”. Isso não tá certo.

F.M. – E essa transmissão desse princípio, dessa filosofia que o seu estilo de Kung Fu está imerso, como é que você passa isso para os alunos e como é que você percebe quando os alunos estão absorvendo, é possível ver isso?

Y.K. – Não... Ele entende... Não é difícil ele, por que às vezes explica, ensina, como família, como eu explicou agora, é uma coisa de geração pra geração, ele entende esse coisa, é muito bom pra ele pra respeito o pai, mãe em casa e respeita os professor na escola mesma coisa. Eu sempre fala. Pra ele entende como que coisa deve chegar, por que se você não respeita o professor escola, por exemplo, você são professor, eu sou aluno, se eu não respeita você, você acha que você tem uma pensamento bom, tem uma ensinamento bom pra mim? Não tem. Você vai ficar muito triste, muito assim... Não é raiva.

F.M. – Ressentimento?

Y.K. – É ressentimento, sacrifício você vai sair fora pra ensinar, você quer explicar capaz você não conseguir explicar porque você fica muito triste: “pô. Aluno fica contra mim, faz mal pra mim”. Então não tá certo, você não vai ter aquele pensamento positivo, vai ter tudo negativo, você entendeu? Isso é uma coisa muito natural. A natureza é assim. Se você veja que nem agora. Se fosse você veja. A natureza se não existe a madeira, como pode ser fogo? Então realmente a fogo, faz o fogo, mas precisa a madeira. Madeira cresceu precisa água. Isso que é um sistema normal. Não tem pai, onde vem o filho? Nunca pode ser o filho faz o pai, não é isso? Então pai com mãe que faz filho, filha. Aquele natural, natureza. Não tem mestre, onde vem o alunos. Já acha... O aluno aprendeu onde? Tem no Brasil, eu já viu uma pessoas aprendeu a cinemas. Já fica assistiu, depois cria qualquer estilo sozinho lá, mas isso a final não vai ficar por que aluno com tempo descobriu tudo, por que a coisa não foi certa. Brasil tem alguma coisa fazendo isso, mas... Por isso eu falei as coisas você acha, não tem tradicional, não tem aquele disciplina, você tem aquele geração. Então com o tempo tudo dá errado, tudo dá problema, por que ele não um coisa normal, não é natural, você entendeu? Tem que tudo... Natureza, normal é muito melhor do que anormal.

F.M. – Aqui no Brasil o senhor não chegou a trabalhar com a polícia, não chegou a trabalhar aqui ensinando policiais, alguma coisa do tipo?

Y.K. – Por que aqui no Brasil realmente o seguinte... Porque não é não quero ensina, mas como o tempo também difícil pra mim, a época chegou Brasil, academia de polícia eu quase ficou um tempo, mas muito pouco tempo, mas acontece, por que pra gente é muito difícil porque lá o aula não é dia inteiro, por exemplo, dá pouco aula, cada um que entre dá um pouco aula, por exemplo, aí de manhã deu uma aula aí a tarde deu uma aula, então muito difícil você conseguir acompanhar ele. Depois eu não dá aula.

F.M. – E também lá não dá pra passar aquilo que você entende como sua arte marcial, passa só o movimento também, não é?

Y.K. – Porque ensina academia de policia, ensina militar já é outro tipo de ensinamento, primeiro não tem como respeito mestre, professor, aluno, eles usa porrada, pancada mesmo. Por que ensina como pra tirar defesa como ataque, você entendeu? Lá não tem altar pra respeito, não tem cumprimento, não essa coisa. Porque lá é outro local. Você ensina polícia militar então ensina mais técnico, pá, pá, pá... Mais isso, pá, pá, pá... Só pra mais rápido possível, aí você não consegue ensinar coisa completa você quer, por isso eu não quis ensinar. Na Hong Kong eu forço mais um pouquinho ainda porque ele entende, aqui não dá por isso eu evitou pra... Não tem como eu ensinar aqui, é muito difícil, né? Você entendeu? Por que ensinar a polícia, ensina militar é outro sistema, defesa tem usar algum momento rápido, não precisa muito coisa, pouca coisa e bem feito, mas um, dois, três semanas não consegue aprender isso, não consegue treinar, tem que ser algum tempo, você entendeu? Isso é o problema. Eu não ensinou por quê? Por causo disso, eu gosto coisa bem feita se não, não vale a pena, ou vai não vai ficar assim não.

F.M. – Eu acho que o sentido também pra polícia não tem muito a ver com aquilo que...

Y.K. – Não por que aqui polícia... O problema é o seguinte em Hong Kong é esse...

F.M. – Ele já aprendia quando criança a cultura...

Y.K. – Não polícia Hong Kong treinamento quanto tempo, quanto tempo, tal. Depois saiu pra servir polícia aí, por exemplo, quantos mês?... Três meses individuo voltou a academia de novo, todo mundo, ele voltou pra fazer treinamento um, dois dias, meio ano, acho que



uma semana, um ano acho que fica dez dias, sabe? Então a pessoa não para, por exemplo, ele fica três meses tem que voltar lá três dias, não para treinamento.

F.M. – Muito obrigado.

[FINAL DA ENTREVISTA]